

VILÉM FLUSSER

Judaísmo como ritualização.

O fenômeno religioso, tanto em seu aspecto individual, (religiosidade), como em seu aspecto social, (religiao), é atualmente objeto de estudos num sentido alheio ao século passado. O século 19 assumia uma atitude externa em face desse fenômeno, como prova o positivismo, para o qual a religiao é uma fase ultrapassada da sociedade, e o marxismo, para o qual a religiao é uma ideologia imposta pela classe dominante sobre a classe dominada. Atualmente, graças ao pensamento existencial e à psicologia de profundidade, o fenômeno religioso está sendo estudado "de dentro". A consequencia desse fato é curiosa. Os padres, os pastores e os rabinos tendem a transformar-se de sacerdotes em psicólogos, sociólogos, filósofos e historiadores. O padre que adora a cruz como arquetipo, e o rabino que reza o cadich como tradiçao folclórica, eis uma forma nova e curiosa de blasfemia. É como se o feiticeiro tentasse a transformar-se em tebrico da magia. Porque a função autentica do sacerdote é ritual: desempenha um papel na sequencia de festas. Mas a posição do tebrico é ironica: observa a festa sem dela participar, sem empenhar-se nela. As duas posições são irreconciliáveis, e a tentativa de concilia-las resulta na desautenticação do fenômeno religioso. Os esforços ecuménicos do presente, que tendem a unificar as religioes pela diluição, são em parte consequencias dessa inautenticidade. O presente artigo tem por meta contribuir algumas considerações ao conjunto de problemas acima esboçado.

As fontes da religiao judaica, (como de toda religiao autentica) são mitos. Mas ao afirmar esse fato, já estamos nos excluindo dessa religiao, já estamos assumindo uma posição teórica, portanto irônica, frente ao judaísmo. Porque a admissao da origem mítica pressupoe uma visão externa do fenômeno do judaísmo, por maior humildade e deferência que queiramos professar diante desse mitos. A posição do judeu autentico seria outra. Afirmaria a origem mítica de todas as religioes salvo a judaica, e insistiria que justamente o fato de não ter origem mítica o judaísmo, <sup>fa</sup> dele a religiao verdadeira. A ignorância do caráter mítico da religiao, (ignorância no sentido "não sei", ou talvez no sentido "não quero saber") é sinal de autenticidade e sinônimo de fé.

Mitos são revelações do escondido. Nos mitos aparece o escondido, o sacro. São hierofanias. Nos mitos judaicos o sacro aparece como Deus. São teofanias. Deus se revela, nesses mitos, com certas características nítidas e inconfundíveis. Por exemplo: é invisível, mas audível. É eterno, mas age dentro da história. Criou o mundo fenomenal e transcende esse mundo, mas isto não impede que continuamente nele influa. Está profundamente interessado nas ações e paixões dos homens, e mais especialmente dos judeus. E nega a autenticidade de todas as hierofanias salvo das do judaísmo. Um judeu autentico dirá: assim é Ele. A posição teórica dirá: assim Ele se revela pelos mitos do judaísmo.

Mitos são histórias no sentido de serem depoimentos de um acontecimento,

VILÉM FLUSSER

mas não são história no sentido da cronologia. Tentativas de fixar a data da criação do mundo ou de encontrar a arca de Noé são tentativas extra-religiosas. "A Bíblia tem razão" sem respeito a esses esforços. Pelo contrário: a localização da varva de Moisés, longe de fortalecer o mito, transferiria o acontecimento da região do mito para a região da cronologia e destruiria o mito. O teste a aplicar à varva não seria mais o teste da fé, mas o teste de carbono. A realidade do mito, o plano ontológico no qual o mito se dá, é diferente do plano fenomenal, embora ligado a este de maneira dificilmente definível. Chama-se "milagre" essa ligação, e representa uma ruptura, uma fenda no mundo compactos fenômenos da natureza. Sendo perdido a fé na solidez desse mundo, somos atualmente muito mais prontos de aceitar o milagre que gerações passadas. Mas essas rupturas, essas fendas milagrosas que o mito abre no mundo dos fenômenos são justamente aquilo que os esforços arqueológicos nunca encontrarão, o que os torna religiosamente desinteressantes.

A verdade do mito não é histórica, mas existencial. O mito não é verdadeiro porque aconteceu "uma vez", mas porque sempre acontece de novo. A libertação da escravidão do Egito não é comprovada arqueologicamente, mas vivencialmente toda vez que se festeja o seder. E nós que Deus libertou, diz o ritual do seder, e não algum grupo de pastores neolíticos. E quem são esses nós com os quais está acontecendo, todo ano, o milagre da libertação? Os que participam do ritual da festa. No ritual da festa o mito se repete, sempre novo, e a sua verdade é comprovada, sempre nova. O ritual da festa não é portanto um entre os aspectos da religião: é a própria religião. E a participação no ritual da festa não é um entre os aspectos da religiosidade: é a própria religiosidade. A vida de um judeu autenticamente religioso é uma única festa e todo seu ato é um ato ritual, enquadrado organicamente no grande ritual da festa que é o judaísmo. É uma festa em louvor de Deus, tal como Ele se revelou, e de acordo com os ritos que Ele mandou serem observados, é uma festa da qual todo judeu participa do raiar do sol até o pôr do sol, do nascer até o morrer, e, quem sabe, até depois da morte. Todo o resto, toda essa tentativa de "interiorizar" a religiosidade, de "moralizar" a religião, de modernizá-la e liberalizá-la, todo esse resto é conversa fiada, destinada a salvar um pretérito núcleo de judaísmo num mundo que se opõe, pela tecnicização, à execução ritual da festa do judaísmo.

O judaísmo é um "way of life", uma "façon de vivre" ritualmente festiva. Essa maneira de viver, com os seus mil e um ritos, precisa ser apreendida. Com efeito, chama-se "estudo" uma parte apreciável da atividade ritual do judeu. A observação desse "estudo" ilumina o caráter da festa. Não se trata tanto de uma pesquisa crítica das escritas, e muito menos de um esforço de superá-las pela compreensão, (como se estuda por exemplo a ciência e a filosofia), mas tra

VILÉM FLUSSER

ta-se de assimilar um máximo de ritos, de maneira que estes se tornem reflexos condicionados. Pelo "estudo", (melhor seria dizer "treino"), os ritos da festa do judaísmo se tornam carne e sangue do crente. A monotonia da voz e a mecanicidade dos movimentos que acompanham os estudos, monotonia e mecanicidade ritual, comprovam que a meta do exercício é o condicionamento. O participante da festa dela participa condicionado, e quando mais condicionado, tanto mais completamente dela participa. O judaísmo é um "way of life" condicionado. Não se pode resolver "ser judeu" de um dia para outro. É preciso um processo de condicionamento, um processo, com efeito, nunca totalmente realizado. Ninguém é tao "bom judeu", a ponto de não poder melhorar ainda. Aliás, a participação das atividades rituais traz consigo, quase que automaticamente, o aprimoramento, a ponto de podermos dizer que a vida judaica é um contínuo aprimoramento, uma busca contínua da perfeição que é a festa em louvor de Deus.

A vida do judeu é uma festa na qual os mitos do judaísmo se ritualizam. É portanto uma festa que consiste de um ciclo de festas. É portanto uma vida cíclicamente organizada. O dia é um ciclo de festas, um ciclo de rituais fixos. A semana é um ciclo coroado pelo sábado, o dia da festa das festas. O mês é um ciclo festivo em seu próprio direito, e adquire um caráter festivo individual dentro do ciclo das festas do ano. A própria vida, essa superfesta iniciada pela festa da <sup>aquilo</sup> circuncisão e encerrada pela festa do enterro, não passa de um ciclo festivo que é o povo judeu. Mas aqui tem um problema. Todos os ciclos de festas que são a religião judaica não passam de epiciclos da linha reta que é a festa mater do povo judeu. Essa festa mater não se repetirá, ela é irrevogável. Todo sábado festeja o judeu a criação do mundo, é como se todo sábado o mundo tivesse sido criado de novo. Com toda circuncisão o judeu festeja a aliança entre Deus e o Seu povo, é como se com toda circuncisão essa aliança tivesse sido feita sempre de novo. Mas na festa que é o povo judeu a criação do mundo e a aliança não se repetirão, são fatos consumados. A religião judaica, embora cíclica nos seus ritos, é linear no seu fundamento mítico, é uma religião da salvação portanto. A problemática que se esconde na contradição entre a circularidade do tempo festivo e a linearidade do tempo messianico caracteriza, ao meu ver, não somente a religião judaica, mas todo aquele complexo chamado "civilização ocidental" que é, em parte, consequência do judaísmo. A civilização ocidental pode ser considerada como uma ritualização diferente, (bretica, se quiserem), dos mitos do judaísmo, com inclusão de outros mitos. A problemática da qual estou falando, a contradição entre o tempo circular e linear, aparece, como exemplo elucidativo, na física moderna, na forma de contradição entre os processos reversíveis e a entropia, (isto para citar somente um único exemplo).

Disse que na festa de sábado é "como se" o mundo tivesse sido criado de novo.

### VILÉM FLUSSER

A festa tem portanto um caráter de representação, mas ela não é teatro. O ator que faz como se fosse Hamlet está em situação existencial diferente do judeu que faz como se tivesse sido libertado do Egito. A diferença está na identificação do judeu com o seu papel, e na distância que o ator mantém com o seu. O judeu está, como disse, condicionado para os atos rituais que desempenha, enquanto que o ator "escolhe" os seus atos. O judeu não está consciente de desempenhar uma função dentro de uma representação, enquanto que o ator nunca perde essa consciência, por mais que se identifique com a personagem. Nisso reside a autenticidade do judeu. A teoretização sobre a religião, essa teoretização da qual falei no início deste artigo, transforma a festa em teatro, porque torna consciente o caráter representacional da festa. Doravante o participante da festa sabe que está representando, e o mito se evapora da festa. Os atos do participante da festa se transformam de ritos, (*mitzvót*), em gestos, e o conteúdo da representação pode continuar sendo estético e ético, se quiserem, mas não será religioso. A representação do Iom Quipur pode ser acompanhada de música clássica, e o Dez Mandamentos nela recitados podem ser éticamente elevados, mas será uma representação teatral, e não festa religiosa.

A transformação da festa religiosa em representação teatral, e do ato ritual em gesto teatral, é um processo irreversível. Uma vez perdida a ingenuidade religiosa, uma vez descoberto o mito como tal, nenhuma quantidade de esforço e nenhuma profundidade de saudade ("Pietät") podem restabelecer a fé e fazer com que aquele sentimento de proteção ("Behauptung"-Heidegger) seja reconquistado. Porque o que caracteriza a situação existencial do crente, daquele que se identifica com o papel que lhe cabe dentro da festa, é este sentimento de segurança. A situação existencial daquele que perdeu a fé está caracterizada, doravante, pela sua exposição desprotegida frente ao encoberto que o cerca. Mas esta, ela também, é uma situação autêntica, é um "Wagnis" na palavra de Rilke. Não creio que ela pode ser mitigada pela participação na festa religiosa como representação de teatro.

O fato de ser o judaísmo uma série de festas belas, e de serem os atos rituais do judaísmo atos éticamente louváveis, é puramente acidental, e nada tem a ver com o judaísmo como religião, como revelação Divina. Essa revelação, nós não a podemos captar nem esteticamente, nem racionalizar éticamente, mas tão somente experimentar vivencialmente participante ritualmente das festas. E podemos fazê-lo se para tanto fomos condicionados, e se não caímos na teoria, isto é na distância irônica do desempenho (*dégagement*). Do contrário, reccio, só nos resta a saudade.